



Fernando Gameiro e António Cachopas (dir.)

Redes, bibliotecas e literacias **Atas do 1º Seminário da Rede de Bibliotecas de Évora**

Publicações do Cidehus

«Fundamental é mesmo o amor»

Cláudia Sousa Pereira

Editora: Publicações do Cidehus
Lugar de edição: Évora
Ano de edição: 2017
Online desde: 16 Março 2017
coleção: Biblioteca - Estudos & Colóquios
ISBN eletrónico: Biblioteca - Estudos &
Colóquios



<http://books.openedition.org>

Refêrencia eletrónica

SOUSA PEREIRA, Cláudia. «Fundamental é mesmo o amor» In: *Redes, bibliotecas e literacias: Atas do 1º Seminário da Rede de Bibliotecas de Évora* [online]. Évora: Publicações do Cidehus, 2017 (generated 19 March 2017). Available on the Internet: <<http://books.openedition.org/cidehus/2554>>. ISBN: 9782821879546.

«Fundamental é mesmo o amor»

Cláudia Sousa Pereira*

Resumo

A partir do poema de Jobim escrito para o tema musical *Waves*, de 1967, desenvolvemos questões em torno da promoção da leitura literária relacionadas com a formação dos mediadores. Assim, acentuar-se-ão os seguintes pontos: a fundamental experiência de ler e ir à biblioteca; a consciência de que numa biblioteca não há só livros e que pode haver convivência entre as novas redes sociais e os bons velhos leitores; a inevitabilidade de que ler melhor é poder saber ler o mundo; e, finalmente, o pressuposto de que sem livros, nem a partilha da leitura com outros leitores, a promoção da leitura literária é muito mais difícil.

Palavras-chave: leitura literária, formação de mediadores de leitura, promoção do livro e da leitura

Em modo bossa nova, porquê?

Falar de bibliotecas e literacias, ainda que em torno da leitura da obra literária, competência literária onde me sinto confortável, a partir de uma canção brasileira de Tom Jobim pode parecer estranho. Cabe-me, então, começar por desfazer esta estranheza, não pela via da área da Musicologia, onde sou uma completa leiga, mas pelo que a história desta canção, sobretudo no que ao poema, ou letra como dizemos deste lado do Atlântico, diz respeito.

Trata-se de uma composição brasileira que se tornou património mundial, não só pelo seu valor absoluto, como por ter sido interpretada por Frank Sinatra, sendo a canção em que este cantor atingiu a mais baixa nota musical da sua carreira. Ora não podemos esquecer que também Évora é património mundial, e que a classificação lhe foi atribuída pela Unesco por cumprir dois critérios, um dos quais a influência que a sua arquitetura teve em cidades brasileiras, nomeadamente na Bahia, mais particularmente em Salvador. Como costumo dizer a quem nos visita do Brasil, se não fosse o Brasil se calhar não teríamos esta chancela da Unesco que tão importante foi e continua a ser para Évora.

Deixem-me, então, que vos mostre a “partitura” que nos permite a mim, autora destas

* Professora Auxiliar (Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora), csousapereira@gmail.com

linhas, e a vós, seus leitores, irmos sintonizando esta “faixa”. Eis, pois, aqui o poema de António Carlos Jobim que, escrito para o tema musical *Waves*, de 1967, e que será uma espécie de índice deste texto:

*Vou te contar...
Os olhos já não podem ver
coisas que só o coração pode entender.
Fundamental é mesmo o amor,
é impossível ser feliz sozinho.*

*O resto é mar,
é tudo que eu não sei contar;
são coisas lindas
que eu tenho para te dar.
Vem de mansinho a brisa e me diz:
«-É impossível ser feliz sozinho.»*

*Da primeira vez era a cidade,
da segunda o cais, a eternidade.
Agora eu já sei
da onda que se ergueu no mar
e das estrelas que esquecemos de contar.
O amor se deixa surpreender
enquanto a noite vem nos envolver.*

O poema de Jobim tem uma história inusual, já que, ao que parece, primeiro teve a versão em inglês¹ composta para a voz de Sinatra, e tornada pública em 1969, e só depois surge em português. E terá sido a Chico Buarque que Tom Jobim pediu que compusesse o poema, tendo sido o subtítulo “Vou te contar” a única contribuição deste poeta e cantor, já

¹ *So close your eyes
for that's a lovely way to be
aware of things your heart alone was meant to see
The fundamental loneliness goes whenever two can dream a dream together.*

*You can't deny
don't try to fight the rising sea
don't fight the moon, the stars above and don't fight me.
The fundamental loneliness goes whenever two can dream a dream together.*

*When I saw you first the time was half past three
when your eyes met mine it was eternity
By now we know
the wave is on its way to be
just catch the wave don't be afraid of loving me.
The fundamental loneliness goes whenever two can dream a dream together.*

que se sentiu inibido para escrever mais. Mas o poema, para além da sua estimulante história, no seu modo naturalmente lírico de usar as palavras e compor as frases trata, em ambas as versões, o mais universal e intemporal tema literário, o amor, pois claro. E essa universalidade e intemporalidade não significam que, de geração em geração novas formas de relacionamento não se criem, numa dinâmica que, não mudando o sentimento, mudam o modo de o viver.

O amor entre duas pessoas e a sua relação com o resto do mundo, a partir desse estado partilhado por dois e com esta dinâmica geracional que lhes reconheço, transpuseram para o nosso universo. Nosso, dos que habitamos com familiaridade a biblioteca, os que partilhamos esse amor aos livros e à leitura, em particular a leitura literária, e que lidamos com os efeitos desse amor no resto do mundo, e do resto do mundo em nós. Começamos, então, a colocar as várias questões em cima dos versos de Jobim.

Vou-te contar, os olhos já não podem ver coisas que só o coração pode entender: a experiência de ler e ir à biblioteca

O estado de enamoramento, sobretudo na sua fase inicial, não pode normalmente ser racionalizado por quem o vive. Quem está de fora e assiste, qual narrador heterodiegético e não-participante, talvez descubra algumas razões e preveja comportamentos. A euforia dos amantes pode até chegar a ser contagiante, e quando a relação se prolonga, numa solidez traduzida em constância, até para os próprios esses primeiros tempos acabam por se tornar nostálgicas recordações de um período dourado. Passa a ser possível contar esses sentimentos e emoções, numa espécie de «Era uma vez» desse amor.

O que nos leva a pegar num livro a primeira vez, não o primeiro mas aquele que faz de nós leitores assíduos de literatura, e o que nos leva à biblioteca com uma frequência que nos permita assumirmo-nos leitores desta ou daquela biblioteca, são razões e, talvez até mais, evocações que, com maior ou menor esforço, conseguiremos encontrar nas nossas recordações de infância ou juventude. E muitos de nós frequentámos escolas sem biblioteca escolar e até talvez sejamos oriundos de famílias em que os livros não forravam propriamente as paredes das casas. Isso não nos impediu, porém, que alguém algum dia nos tivesse feito conhecer esse primeiro amor pelos livros e pelos lugares onde eles estão à espera que os leiam. Um “amor para a vida”, expressão que peço emprestada a José António Calixto quando nos falava num ciclo de conferências intituladas Bibliotecas para a Vida, ainda que a expressão tivesse aí, mais do que o “para sempre” o sentido de “para todos os dias e assuntos”:

É neste sentido que as bibliotecas são para a vida, isto é cruciais para uma vida compensadora e com significado, para a vida de cidadãos numa sociedade complexa e cada vez mais globalizadas, onde a informação e o conhecimento são crescentemente a base da economia e de uma vivência e participação activa nas decisões comuns, ou seja, na política. (CALIXTO, 2007:8).

O que Calixto diz sobre a biblioteca eu poderia repetir para o livro e até para a literatura, já que, como costume dizer aos meus alunos, há em cada exemplar do que podemos chamar literatura, pelo menos, três lados a considerar: o estético, o ético e o político. Uma obra literária, não importa a dimensão, o género ou a época, mas sim que verdadeiramente se inscreva no universo literário e cultural tem sempre, pelo menos, uma preocupação estética em procurar o belo nos vários recursos que a(s) linguagem(s) lhe permite(m); um impacto ético na transmissão de valores que os conteúdos acabam por revelar, desvendar ou subentender; e um papel político, quando contribuem para que o leitor ganhe com a sua leitura uma perspectiva que vai para além da sua própria zona de interesse, de partida, colocando-se tantas vezes na posição do outro e podendo, assim se predisponha, a melhorar a sua forma de interagir em sociedade e, fim último de uma existência saudável, viver melhor neste mundo onde está.

Em 2009, Ana Paula Marques Gonçalves, na apresentação do seu trabalho sobre comportamentos de pesquisa de informação de alunos em biblioteca escolar, afirmava sobre o contexto português «As razões que levam os alunos a frequentar todos os dias, ou não, a biblioteca escolar não se prendem com factores de imposição parental nem correspondem a práticas de literacia diferenciadas em contexto familiar.» (GONÇALVES, 2009, 59) No entanto, e apesar de ser um lugar que convida à socialização para muitos, talvez até mais do que para o estudo e pesquisa de informação, não sabemos como surge este hábito de frequentar uma ou outra biblioteca, querendo-me, no entanto e empiricamente, parecer que as características das pessoas com quem os utentes têm de interagir será um fator maior.

Se as primeiras idas à biblioteca são, na esmagadora maioria dos casos, motivadas pelo professor, a vontade de lá voltar e participar nas atividades que ali se desenvolvem, de carácter facultativo, passam em nosso entender por um gosto intrínseco e algo misterioso, como o amor, pelo livro e pela leitura. Mas também por quem trabalha na biblioteca e por quem valoriza essa assiduidade e participação noutros contextos: o professor na sala de aula, que aproveita esse gosto e o valoriza na avaliação; e o encarregado de educação que entende o valor do tempo ali passado, onde regras com bom senso permitem atividades livres, marginais, nem que seja aparentemente, à situação formal de ensino-aprendizagem.

O resto é mar, é tudo que eu não sei contar, são coisas lindas que eu tenho pra te dar: na biblioteca não há só livros.

Às vezes ir à biblioteca é ir passar cadernos, fazer trabalhos de casa, navegar na net, combinar o fim-de-semana. Outras vezes é mesmo ir procurar um livro que o professor recomendou. E outras ainda é ir tentar ler um livro de que se ouviu falar ou ir ouvir falar de um livro que talvez se vá ler. Aliás, para os leitores ávidos de saciar a sua dependência da leitura, o acesso aos livros de um fundo disponível numa biblioteca não me parece que seja o que os fará lá entrar mais vezes. Isso acontecerá com uma ínfima minoria dos frequentadores de uma biblioteca e, por isso, até se costuma premiar esse melhor leitor de cada ano. Uma prática simpática e que replicada, sendo menos boa para o negócio de editores e livreiros, muito ajudaria a algumas “economias domésticas”, já que os leitores são muitas vezes também colecionadores de livros. Todos sabemos do que estou a falar... O acesso aos livros talvez seja a segunda função, em termos históricos, a seguir ao fator de preservação da memória, que justifica o aparecimento da biblioteca. Mas hoje, quantos de nós vamos à biblioteca por outra razão que não a requisição de um livro? Uma conferência, uma sessão de leitura, um encontro com um autor ou até um concerto ou um espetáculo de teatro, fazem as enchentes das bibliotecas e agitam os seus pacatos dias, ainda que estes com muito “entra-e-sai” de utilizadores.

A transformação do espaço da biblioteca pública em espaço de convívio social e cultural é uma realidade, que veio para ficar, e que as bibliotecas escolares, no meu entender, devem começar a assumir cada vez mais frequentemente como exemplo a seguir. Algumas já o fazem. Não é por acaso que há reuniões com representantes de instituições parceiras de uma escola que se realizam, muitas vezes, na sua biblioteca. Mais do que o secreto lugar onde se guardam como tesouro todas as memórias, mas também as “conversas” que os livros têm entre si e com quem lhes acede; mais do que a sala de visitas impecável, às vezes com panos que cobrem os móveis mais valiosos impedindo-nos de usufruir desse bem, a biblioteca na escola deveria ser o *living room* acolhedor, aquele lugar onde gostamos de estar e estamos à-vontade, com todas as regras obviamente a serem cumpridas para que se possa viver e conviver nesse espaço, como em qualquer sala de estar de uma casa de família.

E não se julgue que chega ser o lugar onde se acede à *net*, já que feliz e democraticamente, o *wi-fi* vai chegando a todos os que circulam no espaço escola e que, convivem com os *gadgets* tecnológicos a que a todos deviam ter acesso. Em algumas

idades, como é o caso do centro histórico de Évora, também essa ligação à Internet é possível e, acreditem-me, os nossos jovens agradecem. Será tudo isto desvirtuar o papel essencial que temos das bibliotecas como local de trabalho e erudição? Talvez, mas, e para usar os conceitos desenvolvidos por Eco a propósito da cultura de massas, mais do que sermos «apocalípticos» com o passar do tempo e as estranhezas que nos aparecem se não o acompanharmos, parece-me que sermos «integrados» nos tornará mais disponíveis para as «coisas lindas que têm para nos dar».

Agora eu já sei da onda que se ergueu no mar e das estrelas que esquecemos de contar: as novas redes sociais e os bons velhos leitores.

Não sei se têm reparado na alteração que a utilização das redes sociais, e falo sobretudo do *Twitter* e do *Facebook*, tem provocado na forma como, cada vez mais, se escreve. E não, não estou a falar de erros ortográficos por utilização de abreviaturas e siglas bizarras que nascem todos os dias e que, confesso, me deixam por vezes extasiada pela criatividade que lhes subjaz. Aliás, há autores, nacionais e estrangeiros e que escrevem para todos (não só público juvenil), que nas suas obras incluem já transcrições desses tipos de discurso, e que convivem de forma fluida e integrada com a descrição, o diálogo ou a narração (Ana Saldanha e David Lodge, para citar só dois).

Esta influência, mais notória em obras de opinião do que de ficção, nota-se numa tendência em encurtar os parágrafos e as frases, nalguns casos chegando a parecer muito mais *tweets* e *posts* do que parágrafos. E lembro que esta influência me parece até “amiga do leitor contemporâneo”, sobretudo quando não se diminui a qualidade da escrita e do que é escrito. Este fenómeno acontecia já em livros que nasceram depois de terem sido guiões de filmes, processo que se identifica como *novelização*².

Posto isto, estes versos do Jobim, assim aplicados à leitura literária e à procura de leitores que a exerçam, levam-me a falar da capacidade que os diálogos nas obras narrativas têm de captar, ainda que muitas vezes com ajuda de mediador, os leitores mais jovens. E é também esta uma prova de que a literatura enquanto sistema, e querendo contribuir para um maior número e melhor qualidade dos seus leitores, envolve não só na “reta final” da produção professores e bibliotecários, mas também editores e autores. Julgo que também estamos conscientes de que tem sido o professor de Português, esse grande mediador de

² Sucedeu também na série das aventuras de Harry Potter, em que os últimos volumes eram claramente mais cinematográficos, uma vez que a autora os escreveu depois de a série em filme já ser um sucesso. E isto para não falar da forma como a própria tradução desta série de livros é desigual, influenciada não só pelas atitudes na legendagem, como pela familiaridade com que os seus leitores e fans foram tratando certas personagens, lugares e objetos.

leitura, o maior responsável por despertar esse gosto pelos clássicos, onde os diálogos, a serem (que não eram) fiéis reprodutores de conversas entre pessoas que, nas páginas dos livros, se transformam em personagens, dificilmente farão ultrapassar a distância entre autor e leitores. E presto aqui a minha homenagem ao meu professor Ribeiro dos Santos que, no Liceu Pedro Nunes, perante o nosso desânimo com o *Eurico, o Presbítero* do Herculano aberto em cima das mesas nos mergulhou na famosa “tirada” que começa assim: «- Dez anos!... Sabes tu, Hermengarda, o que é passar dez anos amarrado ao próprio cadáver?»³

A ler sobre este assunto está o estudo da Universidade de Coimbra *Literatura e Ensino do Português* em que José Cardoso Bernardes, um dos autores, defende ser necessário aproveitar o que a literatura pode fazer pelos alunos. Como pudemos ler em notícia do jornal *Público* de 17 de outubro deste ano, intitulada «O que falta à Educação? Mais recursos, literatura e curiosidade»⁴, «Bernardes sublinha que, para ensinar literatura, é preciso gostar: “Ler expressivamente um texto é decisivo para fazer os alunos gostarem dele. Ler expressivamente um texto implica interiorizá-lo, compreendê-lo e gostar dele.” E acrescenta: “O que os escritores produzem necessita de um suplemento de afectividade, de gosto que os professores ou tentam adquirir, ou podem converter-se em desastres pedagógicos, não há dúvida.”»

Essa “onda que esquecemos de contar” que nos canta Jobim é, muitas vezes na nossa área, a distância que importa ou acentuar explicando, no caso de trabalharmos – mediadores de leitura – os tais clássicos ou obras de leitura mais difícil, ou eliminar devolvendo a verosimilhança (uma das definições a que aplicamos o conceito de mimesis ou imitação em literatura) aos diálogos entre as personagens de uma obra que queremos – ou melhor, que queiram os autores – que conquiste leitores. Uma coisa é certa, nunca o poderemos fazer se não regressarmos ao próprio texto, à sua leitura integral, em presença dos alunos e se continuarmos, quais wikipédias mal remuneradas, a debitar factos e reflexões de muitos em torno de obras que os alunos desconhecem literal e diretamente.

³ E continua: «Sabes tu o que são mil e mil noites consumidas a espreitar em horizonte ilimitado a estrela polar da esperança e, quando, no fim, os olhos cansados e gastos se vão cerrar na morte, ver essa estrela reluzir um instante e, depois, desfechar do céu nas profundezas do nada? Sabes o que é caminhar sobre silvados pelo caminho da vida e achar ao cabo, em vez do marco miliário onde o peregrino de tréguas aos pés rasgados e sangrentos, a borda de um despenhadeiro, no qual é força precipitar-se? Sabes o que isto é? É minha triste história! Estrela momentânea que me iluminaste, caíste no abismo! Arbusto que me retiveste um instante, a minha mão desfalecida abandonou-te, e eu despenhei-me! Oh, quanto o meu fado foi negro!» (capítulo XVIII).

⁴ Disponível em <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/o-que-falta-a-educacao-mais-recursos-literatura-e-curiosidade-1673190>

Da primeira vez era a cidade, da segunda o cais e a eternidade: ler melhor é saber ler o mundo.

Mas afinal, porque haverá esta geração dos mais novos de dedicar-se à leitura integral de obras literárias, mais ou menos contemporâneas, se tantas outras atrações, e de qualidade algumas delas, povoam a oferta cultural que lhes é dedicada expressamente? Podemos até perguntar: porque é que não-de ir à biblioteca requisitar livros se podem ir para lá ouvir música, conversar, navegar na net...? O tempo que passam ligados uns aos outros, em diferentes partes do globo, e quase sem fronteiras (há sempre para alguns casos a língua e o aparelho – hard e software – que condiciona essa ligação), abre-lhes um mundo que, até determinado ponto, lhes devolve a sensação de participação mesmo vivendo numa cidade ou aldeia de província e estando fechado em casa.

As críticas que se ouvem a esta “moda de ligação planetária”, já as ouvimos quando do aparecimento e democratização da televisão. Bem como, muito lá para trás no tempo, se ouvia quanto à má companhia de livros de cavalarias e novelas sentimentais para os seus leitores e leitoras. Estou absolutamente convicta de que o surgimento de novidades não contribui, essencialmente, para um qualquer extermínio das “antiguidades” que, não sendo claramente nefastas para a saúde de ninguém, foram ponto de partida para essa novidade. Cabe aliás às instituições e a quem lá trabalha, dar a conhecer esse passado que só será ultrapassado se for mesmo obsoleto. É o que se passa também em algumas discussões sobre livros e ebooks, por exemplo, um outro assunto da área que não cabe agora aqui desenvolver.

O que importa realçar, e cumpre-me aqui defender a minha dama, é que a ficção, e muito em particular a literatura é, para além de tudo o resto que fica dentro dos estudos literários e culturais, uma forma de nos irmos contando a nós mesmos enquanto indivíduos e humanidade. É da literatura que nascem as outras formas de arte de contar (ou talvez até tenha começado pela pintura, se pensarmos na arte rupestre). Pelo que, quando nos confrontamos com a consciência dos outros, coincidente ou não com a nossa, através do que é expresso por palavras em textos, aprendemos a interagir com eles, a ler-lhes e a prever-lhes reações, a entender melhor esse mundo humano em que vivemos. E tanto mais enriquecida ficará a nossa a leitura daquela leitura de uma parte do mundo que é um livro, quanto mais outras leituras confrontarmos com as nossas. E é também por isso que, não podendo eu ensinar aquilo que não sei, e por isso não poderia nunca ensinar escrita criativa, me resta ensinar o que sei e gosto de fazer que é ler uma obra literária.

E como o amor cantado por Jobim começa na cidade e parte à conquista do espaço e do

tempo, o cais e a eternidade, também a partir da leitura intensiva poderemos chegar à leitura extensiva, quando o gosto pela leitura *tout-court* não se adquiriu antes e deixar de ler não foi opção mas condenação. Como tantas vezes dizemos, sem experimentar ou conhecer não posso escolher em, e com, consciência de estar a fazer o que de facto quero ou posso. Se a literatura é uma porta de entrada para compreender o mundo, se a ficção nos prepara para a realidade, por vezes esta tão mais estranha do que aquela, de forma mais afetiva, então a nossa maneira de ler a realidade, e o mundo, pela experiência ainda que ficcional dos outros, acabará por tornar mais consciente a nossa forma de estar no próprio mundo e de aprendermos a posicionarmo-nos nele. Esperando, claro está, que acompanhemos os heróis nas suas ações e recusemos o caminho de patifarias dos vilões, por muito desconcertante e surpreendente que seja o final da história, nem sempre tão feliz como desejaríamos. Porque às vezes parece que o crime compensa...

Fundamental é mesmo o amor, é impossível ser feliz sozinho... sem livros, nem outros leitores.

No final de 2009, o Observatório das Atividades Culturais publicava um estudo coordenado por José Soares Neves sobre promoção da leitura em bibliotecas públicas (NEVES, 2009,175). Nas conclusões, e quando se acabava também por avaliar a fase inicial do PNL, há caminhos para a reflexão e ação, volvidos que estão estes cinco anos. Caminhos esses que vos relembro, agora que estamos no presente desse futuro então projetado. Dizia-se assim: «nos programas dos vários Governos Constitucionais, as políticas culturais (...) têm sido incentivadas a cooperar com as políticas educativas, o que tem sido feito em diversos moldes, designadamente quanto às actividades das bibliotecas direccionadas para os alunos e para as escolas, ao apoio às bibliotecas escolares e às acções de formação destinadas a professores.

Mas estão a ocorrer mudanças no sistema de ensino cujas repercussões nas bibliotecas públicas municipais devem ser equacionadas em pelo menos quatro planos.

Um deles refere-se aos *professores*, à menor disponibilidade de dispensa nas escolas às exigências quanto à sua formação (que não as subjacentes ao PAPL/Itinerâncias culturais), e à oferta do Ministério da Educação na formação contínua dos professores.

O segundo plano é o dos *alunos* e deriva do alargamento do horário escolar com a consequente menor disponibilidade em tempo para frequentar as bibliotecas públicas.

O terceiro reporta-se ao *alargamento rápido do número de escolas com bibliotecas* integradas na Rede de Bibliotecas Escolares, o que significa, possivelmente, menor

necessidade de recurso ao acervo e aos espaços das bibliotecas públicas municipais por parte dos alunos e, eventualmente, diminuição do apoio a disponibilizar por estas às escolas.

E o quarto plano reporta-se ao *alargamento da rede do pré-escolar*, o que significará, talvez, que cresça o número de actividades com crianças centradas nos jardins-de-infância.

Estas mudanças, que implicam novos desafios para as bibliotecas públicas municipais, podem, entretanto, ser vistas como oportunidades para estas recentrarem as suas actividades numa das suas principais finalidades enquanto equipamentos culturais, ou seja, contribuir para tornar perenes as práticas de leitura após a saída do sistema de ensino.»⁵ Parece-me que esta nossa RBEV, constituída em 2012, escolheu, por isso, um bom início de caminho ainda com muito por trilhar.

Estávamos em 2009, antes de uma crise de que aparentemente luxos como o PNL seriam responsáveis ou, caso assim não fosse, o *flirt* inicial teria dado em “namoro sério”. É que por muito que para alguns possa soar a *slogan light* apregoar a “paixão pela educação”, certo é que os resultados estavam a aparecer. Sem uma rede que é a vontade política em apoiar a promoção do livro e da leitura, resta-nos a cada um de nós, apaixonados e profissionais de uma ou outra vertente da área, resistir aos obstáculos, construir as nossas redes e continuar a acreditar no nosso fundamental amor aos livros, à leitura, às bibliotecas e, acima de tudo, àqueles que são ou poderão vir a ser tão apaixonados por eles e elas como nós: as pessoas.

Referências bibliográficas

BERNARDES, José Cardoso; MATEUS, Rui Afonso (2013) - *Literatura e Ensino do Português*. Disponível em https://www.ffms.pt/upload/docs/literatura-e-ensino-do-portugues_TeV96n5QfU6aulPTsk-BZg.pdf

CALIXTO, José António (2007) - *Bibliotecas para a Vida: literacia, conhecimento, cidadania*. Lisboa: Colibri.

GONÇALVES, Ana Paula Marques (2010) - *Comportamentos de Pesquisa de Informação dos Alunos em Contexto de Biblioteca Escolar. Para além da Branca de Neve*. Lisboa.

⁵ Disponível em <http://www.gepac.gov.pt/gepac-dsepac/estudos-e-estatisticas/estudos/02-promocao-da-leitura-nas-bibliotecas-publicas-pdf.aspx>

p.53-67.

NEVES, José Soares; LIMA, Maria João (2009) - *Promoção da Leitura nas Bibliotecas Públicas*. Disponível em <http://www.gepac.gov.pt/gepac-dsepac/estudos-e-estatisticas/estudos/02-promocao-da-leitura-nas-bibliotecas-publicas-pdf.aspx>